



**LEI**

**LABORATÓRIO DE ESTUDOS SOBRE A INTOLERÂNCIA**

**Portal Rumo à Tolerância**



## Os filhos de Canudos: Ensaio sobre tradição oral e memória da guerra

### Autor

Ailton Luiz Camargo; Edmar Ricardo Franco; Paulo Giovanni de Almeida Nicollini; Rafael de Freitas Sampaio; Raimundo Justino da Silva; Renato Soares Bastos; Ricardo de Genaro Scaléa; Rodrigo Medina Zagni; Wilherson Carlos Luiz

### Área do Conhecimento

História

### Área Específica

História do Brasil Independente; História Oral

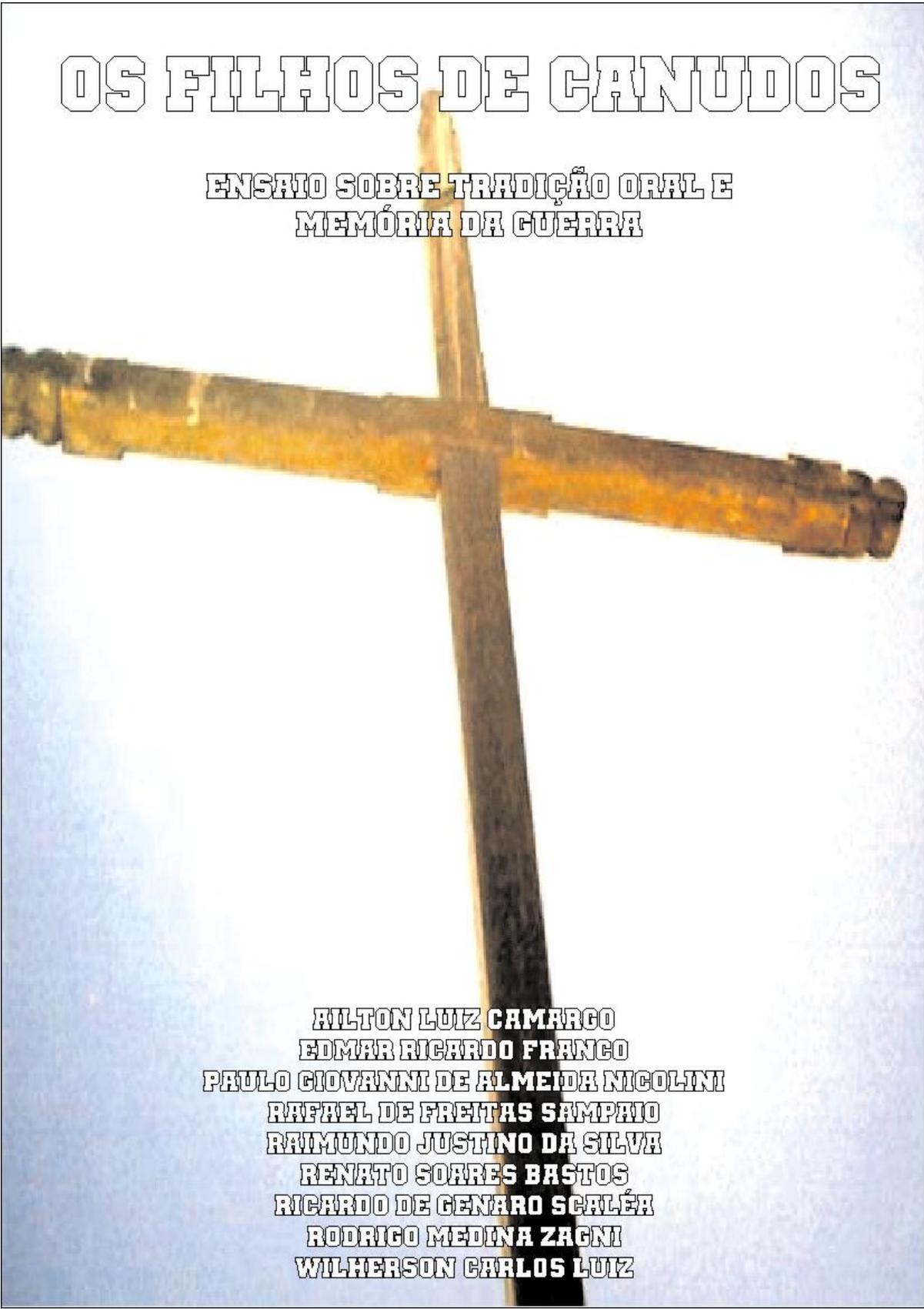
### Ano

2005

### Descrição

Este estudo tem por finalidade mensurar os níveis de permanência da tradição oral em relação à memória da guerra de Canudos na população local da original Cocorobó, lar hoje da terceira Canudos, no sertão da Bahia. Implica em estabelecer se houve transmissão oral dessa memória e sob quais discursos ela foi transmitida, da mesma forma, quais grupos disputam essa memória hoje, e para atender a quais objetivos desejam se apropriar dela. Para isso contamos com um conjunto de depoimentos colhidos entre a população local, os quais foram tratados segundo os preceitos da História oral, de onde tentamos fazer emergir as permanências e rasuras da memória de um dos momentos mais significativos da história dos movimentos sociais no Brasil e sua então recém-nascida república.

# OS FILHOS DE CANUDOS



ENSAIO SOBRE TRADIÇÃO ORAL E  
MEMÓRIA DA GUERRA

RILTON LUIZ CAMARGO  
EDMAR RICARDO FRANCO  
PAULO GIOVANNI DE ALMEIDA NICOLINI  
RAFAEL DE FREITAS SAMPHIO  
RAYMUNDO JUSTINO DA SILVA  
RENATO SOARES BASTOS  
RICARDO DE GENARO SCALÉA  
RODRIGO MEDINA ZAGNI  
WILHERSON CARLOS LUIZ

FIGURA DE CAPA – Fotografia, Rodrigo Medina Zagni. *Cruzeiro do Morro da Favela*. Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.

## **“OS FILHOS DE CANUDOS”**

### **Ensaio sobre tradição oral e memória da guerra\***

**Ailton Luiz Camargo  
Edmar Ricardo Franco  
Paulo Giovanni de Almeida Nicolini  
Raimundo Justino da Silva  
Renato Soares Bastos  
Rodrigo Medina Zagni**

Alunos de graduação do curso de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

#### **Rafael de Freitas Sampaio**

Aluno de graduação do curso de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

**Ricardo de Genaro Scaléa  
Wilherson Carlos Luiz**

Alunos de graduação do curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

“O sertão baiano, graças à inação do governo de S. Exa. continuará a ser o túmulo de um povo, cujo sangue derramado foi bastante para redimi-lo ao menos deste último aviltamento – a escravidão dos filhos algozes dos pais.

Mas, não! O sertão da Bahia não foi um túmulo.

Nos píncaros de suas serranias, na goela de seus desfiladeiros, nas paredes escuras das rochas abruptas, foi escrita com o sangue dos sertanejos a história de um povo redivivo! Aí, as vozes da ventania ou os mugidos do touro selvagem cantam eternamente a epopéia do heroísmo brasileiro!”\*\*

---

\* Trabalho de aproveitamento do curso de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, da disciplina de História do Brasil Independente II, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Pós Dr<sup>a</sup>. Zilda Márcia Gricoli Iokoi, apresentado durante o segundo semestre de 2005.

\*\* Diviserunt vestimenta mea. *O Comércio de São Paulo*. 22 dez. (s/d); citado por GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais*, 4<sup>a</sup> expedição. São Paulo: Editora Ática, 1994, p. 105.

**Resumo:**

Este estudo tem por finalidade mensurar os níveis de permanência da tradição oral em relação à memória da guerra de Canudos na população local da original Cocorobó, lar hoje da terceira Canudos, no sertão da Bahia. Implica em estabelecer se houve transmissão oral dessa memória e sob quais discursos ela foi transmitida, da mesma forma, quais grupos disputam essa memória hoje, e para atender a quais objetivos desejam se apropriar dela. Para isso contamos com um conjunto de depoimentos colhidos entre a população local, os quais foram tratados segundo os preceitos da História oral, de onde tentamos fazer emergir as permanências e rasuras da memória de um dos momentos mais significativos da história dos movimentos sociais no Brasil e sua então recém-nascida república.

**Palavras-chave:** Guerra de Canudos; Antonio Conselheiro; tradição oral; memória.

**Introdução:**

A memória sofre, naturalmente, processos lentos de degradação. Sua permanência se dá por meio de processos externos aos próprios mecanismos da memória, que cristalizam-na como documentos em monumentos, como a escrita da História, representações artísticas visuais e dramáticas, e as letras; mas a memória por si só, naturalmente, está fadada ao desaparecimento, junto da verdade encerrada no fato e que jamais dele pode ser abstraída em sua totalidade.

No caso específico da memória da guerra de Canudos outros fatores se aliaram aos processos de degradação natural dessa memória, nos moradores do local onde se assistiu de muito perto ao conflito, já, pelo menos, em sua terceira geração: a natureza da barbárie empreendida pelos soldados republicanos, traumas que naturalmente tendem a serem esquecidos por aqueles que de alguma forma participaram dessa experiência, como a imagem da matadeira que do morro da Favela canhoneou a cidade esartejando homens, mulheres e crianças; a utilização da sede como estratégia de guerra por parte da 4ª expedição que isolou a população do Belo Monte do rio Vaza-Barris, obrigando crianças a beberem a urina de suas mães; o incêndio nos últimos dias de cerco que queimou vivos os últimos conselheiristas; a degola tanto dos homens que resistiram como daqueles que se renderam; a escravidão (inclusive sexual) das mais de trezentas mulheres e crianças capturadas... Tudo colaborou para que essa memória dolorosa da barbárie fosse esquecida por parte daqueles que descendem mesmo que indiretamente dessa história.

Há ainda poderosos interesses que se beneficiaram do processo de apagamento da memória da guerra de Canudos: o latifúndio, o coronelismo, a política da seca, a necessidade de se romper qualquer conexão que pudesse ser feita entre o movimento de resistência de Antonio Conselheiro e tensões recentes, ou em diferentes tempos históricos. Os particularismos do que Gilberto Freyre

relacionou com o patriarcalismo são encontrados nas práticas políticas do sertão, onde o voto é conquistado com carros-pipa, não com a total exploração dos recursos hídricos do açude do Cocorobó, com capacidade de abastecer 22 municípios e que na realidade assiste a apenas cerca de 100 famílias.

Exemplo do perigo representado pela manutenção da memória da guerra como catalisadora de tensões sociais que expluíram num movimento de caráter questionador da ordem política e social vigente, foi a construção do próprio açude do Cocorobó, o espelho d'água como uma fria lápide sob a qual repousam em torno de 25 mil conselheiristas e 5 mil soldados republicanos, numa mensagem **clara** dos militares às Ligas Camponesas em 1969, de que a memória de Canudos não poderia servir-lhes de qualquer referência, a não ser que desejassem lápide semelhante sobre os seus cadáveres.

Nosso objetivo, diante dessa dinâmica de apagamento natural e provocado da memória da guerra de Canudos, é mensurar o estágio atual deste processo. Não se trata de fazê-lo por meio da produção historiográfica ou literária, que muito pouco nos auxiliaria nesse sentido, pois via de regra denunciam uma visão externa e intelectualizada, matizada pelos métodos acadêmicos que deixam de fora os atores sociais principais do teatro histórico de Canudos: seu próprio povo; ou por meio dos inúmeros conjuntos de imagens construídas pela fotografia, pintura, texto ou crítica, cujos autores interferem diretamente na imagem produzida: escolhemos a própria população local para fazê-lo a partir de seus depoimentos.

Não somos, porém, ingênuos ou propositadamente positivistas a ponto de não admitirmos que tanto a análise das entrevistas como a própria elaboração das questões feitas à população local passaram diretamente por nossa visão de mundo, matizada pelo olhar acadêmico e pela produção historiográfica, literária e intelectual sobre Canudos; mas o fato de termos sido pegos de surpresa pela realidade ali encontrada, ou seja, pelo apagamento total e completo da memória da guerra, advoga em nosso favor.

A partir desta constatação inicial encontramos nosso problema: se a memória sobre a guerra se perdeu na população da terceira Canudos, quais processos determinaram seu desaparecimento e qual a natureza da memória encontrada na procissão, no memorial Antonio Conselheiro, no Parque Estadual de Canudos, de antemão, sabidamente construída? Muito nos auxiliou o fato de não termos ido à campo com o problema já formulado ou a hipótese de resultado esboçada, como qualquer historiador experimentado teria feito: constatamos *in loco* que a memória sobre a guerra de Canudos se perdeu, por processos naturais e provocados de degradação, e a partir daí elaboramos nossa dinâmica de pesquisa, condicionada pela realidade encontrada, não por uma tendência historiográfica distante dela.

Pensamos ser essencial esta pesquisa no sentido de propor um contraponto em relação à visão externa que se estabeleceu sobre o imaginário do sertanejo canudense herdeiro da história da guerra, como um grupo isolado do que se convencionou nos grandes centros urbanos como progresso. Não se trata do progresso dos grandes centros o que foi visto nas ruas de Canudos e nos anseios

da população depoente, mas também não se trata do sertão idealizado por uma visão romântica ainda euclidiana de miséria incontestada: trata-se de uma dinâmica própria de endoculturação. Cria-se ali uma cultura que mescla elementos permanentes da cultura sertaneja ao elemento externo, que invade as casas por meio dos aparelhos televisores, de DVD's (exatamente isso!), videogames, programas de rádio etc. Trata-se de questionar se o canudense quer mesmo para si a herança da guerra como memória.



FIGURA 1 – Fotografia, Rodrigo Medina Zagni. *Banco do Brasil e Salão de Beleza*. Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.



FIGURA 2 – Fotografia, Rodrigo Medina Zagni. *Pirata Game*. Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.

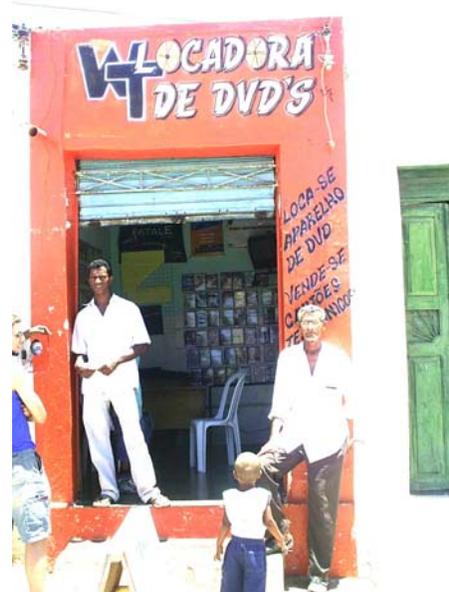


FIGURA 3 – Fotografia, Rodrigo Medina Zagni. *Locadora de DVD's*. Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.

Como fonte utilizamos 24 entrevistas feitas ao longo de três dias de pesquisa na própria cidade de Canudos, de 13 de outubro pela manhã, quando da chegada da expedição do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, chefiada pela Prof<sup>a</sup> Dra. Zilda Márcia Gricoli Iokoi, docente da disciplina de História do Brasil Independente, com 48 alunos de graduação, ao dia 15 do mesmo mês, quando por volta das 16 horas partiu a expedição de volta a São Paulo, levando material oral, iconográfico e documental para análise, bem como saudades daquele povo humilde, hospitaleiro, carente e acolhedor que tão bem nos tratou durante nossa estada.

A guerra, o Conselheiro e a memória. São os três principais temas que procuramos pontuar nas entrevistas com a população local; questões presentes em praticamente todos os depoimentos tomados. A decisão de analisar nossas fontes elegendo esses três aspectos principais obrigou-nos a revisitar o material colhido, exercício que teve como fruto ainda a elaboração de um *Compact Disc* editado com 36 minutos de entrevistas, constituindo um material indissociável deste ensaio.

Tratamos nossa fonte a partir da escola já estabelecida da História oral, com rigor metodológico suficiente para estabelecer o grau desejado de cientificidade ao presente estudo. Por outro lado, ficou evidente que no caso específico de Canudos e sua população, todo o pensamento acadêmico que teorizou esta prática metodológica relacionada à oralidade deve ser instrumentalizada pelo historiador com demasiado cuidado, primeiro em função da faixa etária dos depoentes, depois pela classe social na qual estão inseridos e pela ocupação ou atividade que exercem, fatores que alteraram fundamentalmente a dinâmica de vários dos depoimentos tomados, que, portanto, não mantiveram um *modus operandi* estático para todos os casos, dependendo seu desenvolvimento em muito da intuição, sensibilidade e da própria objetividade dos autores que tomaram parte da atividade de coleta dos depoimentos.

Exatamente esta atividade evidenciou o processo de apagamento da memória dos significados da guerra de Canudos. Se a memória de Canudos desapareceu a que assistimos então nos dias em que ali permanecemos? Dias que antecederam a romaria, a principal data para a Igreja e os fiéis da região, dias que demonstraram uma imensa preocupação por parte da Universidade Estadual da Bahia no sentido de manter a "memória" por meio do Memorial Antonio Conselheiro e do Parque Estadual de Canudos? Nossa hipótese de resultado aponta para a seguinte tese: se a memória da guerra se perdeu, o que assistimos são processos de re-apropriação de seus significados, onde a história é re-inventada sob luzes de problemáticas recentes. Este determinante estabelece uma disputa pela memória por parte de grupos e interesses distintos, e não sejamos ingênuos ou hipócritas em não admitir que de certa forma também entramos na contenda. O que nos cabe é identificar quais grupos disputam essa memória, sob luzes de quais problemas e interesses, portanto para que a querem.

Desta forma a partir de entrevistas realizadas com a população do município de Canudos pretendemos nos ocupar de como a história do episódio repercutiu na

população local, principalmente quando transmitida por filhos e netos de conselheiristas e de como a história da comunidade, da Guerra de Canudos e da figura de Antônio Conselheiro aparecem hoje no imaginário canudense.

Nosso objetivo neste texto consiste em apresentar as impressões do grupo acerca dos temas levantados, impressões estas que originaram algumas hipóteses a serem trabalhadas. Partimos de uma idéia comum, de uma **hipótese central**, sintetizada nas palavras da professora Zilda, em algum momento do trabalho:

A memória de Canudos se perdeu. O que estamos assistindo hoje são processos de reapropriação desta memória onde a história foi reinventada sob as luzes de problemas recentes.

### **Desenvolvimento:**

Não podemos nos furtar a alguns elementos históricos importantes ocorridos no sertão nordestino em fins do século XIX, para melhor compreendermos os processos históricos e de reapropriação da memória do conflito de Canudos. Para fundamentar uma crítica a cerca da trajetória da guerra de 1897, é preciso lançar mão da situação do nordeste do Brasil no tempo de Antônio Conselheiro. A República, fundada em 1889, não alterou o desenvolvimento desigual vigente neste espaço alijado da cena político-social brasileira.

O hino do novo regime estava afinado com as injustiças cometidas no longínquo interior brasileiro. Uma terra de grandes latifundiários e do “coronelismo”, 60% das propriedades rurais pertenciam a uns poucos coronéis, ao mesmo tempo em que gozavam a totalidade de seus poderes frente aos camponeses marginalizados. Em 1888 a escravatura havia sido abolida oficialmente, o centro da economia não era mais o açúcar nordestino e as secas provocavam desespero nos sertanejos. O desamparo do novo regime a esse povo era evidente. É nesse contexto que surge Antônio Conselheiro.

A mística que pairava nos ensinamentos do Conselheiro é do acolhimento aos pobres e ao mesmo tempo de dureza para com os que roubam os pobres. Ele dizia para os poderosos: “Deus não perdoa o pecado sem se restituir o furto”<sup>1</sup>.

Com o advento da República o poder político ficara ao alcance das mãos dos coronéis em todo o país, e a seu encargo estava a cobrança de impostos, bem como a política social nas regiões mais inóspitas. A igreja que influenciou a derrubada da monarquia acordava e filiava-se a este novo panorama nacional, e é justamente destas duas esferas da hierarquia social que nascerá a repressão ao movimento histórico contra Canudos.

Os conflitos de terras e religiosos podem ser representados em dois documentos históricos: a carta do Barão de Geremoabo e o relatório dos freis João Evangelista e Caetano.

---

<sup>1</sup> Instituto Popular – Memorial de Canudos. “Canudos – Uma história de luta e resistência”. *Centenário do Massacre*. 3ª. Edição. Bahia, 1993, p. 22.

O Barão era um desses grandes latifundiários, este alertava o então governador Rodrigues Lima e seu sucessor Luiz Viana sobre o perigo que Canudos representava para sua propriedade. Sua carta fora publicada antes da expedição do Coronel Moreira César, portanto, após a tentativa fracassada de Febrônio de Brito. Dizia, dentre outras, que:

Uma horda de mais de quinhentos homens, carregados de armas de fogo; facões, cacetes e chuços, fora os índios de Mirandela com arcos e flechas, percorreu as ruas com ameaças, insultos e impropérios protestando que se de novo fossem colocadas às tabuletas seriam outra vez despedaçadas, e que ninguém, absolutamente ninguém, pagaria um real de imposto porque não reconheciam e nem obedeciam às leis da república.<sup>2</sup>

O episódio a que se refere o trecho acima é o de destruição das tabuletas dos impostos a serem pagos à República. Antônio Conselheiro pregava contra os impostos, símbolo prático da espoliação a qual era submetido o sertanejo. Com a República a mão opressora ficou mais próxima do povo, além disso, para a aristocracia fundiária

Aquela situação deplorável de fanatismo e de anarquia deve cessar para honra do povo brasileiro para o qual é triste e humilhante que, ainda na mais inculta nesga da terra pátria, o sentimento religioso desça a tais aberrações e o partidarismo político desvaire em tão estulta e baixa reação.<sup>3</sup>

Frei João Evangelista e Frei Caetano foram enviados pelo bispo da Bahia, para que trouxessem aquele “povo infeliz aos deveres de católicos e cidadãos”, ambos estiveram em Canudos, admitidos por Antônio Conselheiro que permitia a realização de sua missão, mesmo discordando destes; mas tendo-os expulsado posteriormente.

Esses textos, especialmente o do Barão de Geremoabo e do Frei João Evangelista, marcam dois pólos importantes de interesses com relação à “solução do problema” denominado Canudos, seja pelas intrigas com os fazendeiros chefes do poder local, seja por ferir os interesses religiosos, ambos são lançados à opinião pública como uma afronta ao novo regime de governo estabelecido: a *república*. Afinal, um sistema político que se propõe a salvar o Brasil da barbárie com o processo civilizatório, jamais poderia permitir um foco de resistência, liderado por “fanáticos”. Frei João ao deixar Canudos “sacudiu o pó em seus pés” e deu a Canudos o legado de Sodoma.

Desconheceste os emissários da verdade e da paz, repeliste a visita da salvação; mas ai vêm tempos em que as forças irresistíveis te sitiarão, braço poderoso te derrubarão,

<sup>2</sup> GEREMOABO, Barão de. Antonio Conselheiro. *Jornal de Noticias*, Bahia, 4 e 5 março 1897, p. 116.

<sup>3</sup> MONTE MARCIANO, João Evangelista de (Frei). Relatório apresentado pelo Rvd. ... ao Arcebispado da Bahia sobre Antonio Conselheiro e seu séquito no Arraial de Canudos. Bahia: Typographia do “Correio de Notícias”, 1985, pg. 138.

e arrasando as tuas trincheiras desarmado os teus esbirros, dissolverá a seita impostora e maligna que te reduziu ao seu jugo odioso e aviltante.<sup>4</sup>

O futuro de Canudos havia sido traçado, o regime enviaria quatro expedições ao sertão para dizimar a então “ameaça monarquista”, alcunha que lhe fora imposta pela conveniência burguesa em perigo. Após a morte de 25 mil pessoas caía a resistência rebelde do sertão. Para o povo brasileiro do litoral, distante muitas léguas do conflito real que ocorria no interior do Brasil, Afonso Arinos vai dizer, ao referir-se a campanha militar de Canudos:

Elles receberam o esplendido e misterioso baptismo de sangue e, cinctos dessa púrpura, abriram as portas da nacionalidade brasileira para seus irmãos sertanejos.<sup>5</sup>

Antônio Conselheiro já havia falecido antes da investida final sobre Canudos, na qual “Venceu, como devia vencer, a força que representa a civilização”<sup>6</sup>. Para Afonso Arinos a guerra representou não só a vitória da civilização como a entronização do interior brasileiro no imaginário nacional, entretanto essa história foi marcada por estes tristes episódios. Canudos certamente não era um paraíso na terra, mas foi um lugar onde sertanejos sofridos encontraram uma alternativa de viver livres e felizes. Os camponeses seguiam o Conselheiro como quem persegue um sonho, depositavam nele sua felicidade e esperança. “O povo se admirava e respeitava mais o Conselheiro, pelo seu jeito simples e penitente, do que os padres aliados dos poderosos”<sup>7</sup>.

Quanto a alguns condicionantes acerca da história oral do povoado, além da marcha inexorável do tempo<sup>8</sup> e dos atos que contribuíram para apagar da memória canudense a formação da comunidade e a Guerra de Canudos - como a submersão do povoado fundado por Antonio Conselheiro, posterior segunda Canudos, transformada no açude que abastece de água a população local -, percebemos também algo como um movimento de “esquecimento deliberado” pela população canudense: Dona Anita, ex-funcionária do museu da cidade, cargo que a fez reencontrar a história de seu povoado, relata-nos que na sua infância, quando pais e amigos colocavam-se a conversar sobre a Guerra de Canudos, crianças iam brincar na rua, num momento de descontração e alívio do trabalho pesado da roça. Indiferente ao discurso de historiadores e pesquisadores em geral, tanto daqueles que, partindo da memória dos vencidos realizam um exercício de exaltação de um exemplo de resistência, de luta pela terra, de valorização de princípios e de um estilo de vida e apego religioso peculiares, como daqueles que

<sup>4</sup> Ibidem 9, pg. 136.

<sup>5</sup> ARINOS, Afonso - “Campanha de Canudos: o epílogo da guerra”. In: - Notas do dia: comemorando. São Paulo: Typ. Andrade, Mello & Comp. 1900, p. 140.

<sup>6</sup> Ibid. 11, p. 138.

<sup>7</sup> Instituto Popular – Memorial de Canudos. “Canudos – Uma história de luta e resistência”. Centenário do Massacre. 3º. Edição. Bahia 1993, p. 22.

<sup>8</sup> A Canudos de hoje é formada pela quarta geração pós-Guerra de Canudos (João de Régis, falecido alguns anos atrás, era reconhecido como último contemporâneo da guerra contador de histórias).

constroem a visão oficial da História de acordo com a ótica dos vencedores, a população canudense associa certa reserva a essas leituras: por um lado, a Guerra de Canudos foi um episódio fatídico no qual milhares de pessoas morreram e é preciso, com o silêncio, que se “cure a ferida aberta”, e por outro, a Guerra de Canudos é vista como uma espécie de “erro estratégico” que impediu Canudos, até então visto como um povoado em franca ascensão, de completar seu processo de desenvolvimento e se tornar “a capital da Bahia”.

Hoje se observa, conforme sugere a hipótese formulada acima, um movimento de retomada da memória de Canudos pela população impulsionada pela ação de atores locais, como a Igreja e a Universidade.

Entre esses interesses está a população local, como o menor de alcunha “Juquinha”, estudante de 12 anos, filho de Canudos e que não teve nenhum contato mais profundo com sua história, com relatos referentes à guerra ou mesmo com a imagem de Antonio Conselheiro, sequer na escola onde aprende a “ler, escrever e a fazer contas”, para quem São Paulo é

... uma cidade grandona... muito movimento ( . . . ) diz que é bonito ( . . . ) quer ir, aí não pode, sem dinheiro... ( . . . ) lá é frio, tem muito gelo... tem... eu vejo na televisão.<sup>9</sup>

A estranheza da imagem construída pelo menino nos põe a relativizar nossa própria visão de mundo, cuja referência é construída em um grande centro conectado às principais capitais mundiais. A própria natureza psicológica humana, nesse sentido explicada pela Gestalt a partir da teoria do “fechamento”, nos leva a completar um todo desconhecido reproduzindo a ínfima parte conhecida, e no contexto brasileiro, São Paulo e outros grandes centros são a ínfima parte dos rincões desconhecidos por muitos de nós, dos sertões às chapadas.

Somos tão ingênuos quanto “Juquinha”, trazendo imagens já pré-construídas de um sertão desolado, inóspito, arredio, violento, de terras, mãos e rostos rachados pelo sol implacável que queima até a alma sertaneja. Diferimos muito pouco do menino que acredita ser São Paulo coberta pelo gelo. O estranhamento cultural não tem uma via apenas: é de mão dupla.

A desconstrução dessas imagens se agiganta como necessidade primeira se pretendemos nos contrapor àquelas idealizadas por fotógrafos, literatos e historiadores que já trataram o tema de forma euclidiana, dialogando mais com suas próprias referências do que com a paisagem vista. Não que a paisagem não estivesse ali, mas outras foram preteridas para a sua escolha. Este é o início do nosso longo percurso onde pretendemos mapear a tradição oral e a memória de Canudos.

A guerra que arrasou a Canudos de Antonio Conselheiro, o Belo Monte, lar de seus seguidores, na atual Canudos, a terceira (Nova Canudos, antes Cocorobó), divide as mais diversas opiniões. O próprio sentido de manutenção dessa memória

---

<sup>9</sup> Entrevista realizada no dia 13 de outubro de 2005, Canudos/ BA.

ganhou um questionamento utilitário, ou seja: a memória sobre a guerra pode ser instrumentalizada para qual uso?



FIGURA 4 – Fotografia, Edmar Ricardo Franco. *Juquinha (à direita)*. Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.



FIGURA 5 – Fotografia, Edmar Ricardo Franco. Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.

Em articulação com a nossa hipótese central o discurso recorrente observado em Canudos, e o que nos apresenta como significativo de nota, é o estabelecimento do utilitarismo econômico, lastreado no potencial turístico da cidade, como maneira de exploração do capital simbólico que o episódio da guerra ensejou. Se no tempo de Antonio Conselheiro o caldo de cultura era balizado pelo *messianismo* religioso hoje o que nossa expedição pôde observar em diversos depoimentos é o “messias-dinheiro” do capitalismo (guardadas as devidas proporções), evocado como um dos principais elementos que se apropriam da memória de Canudos visando lhe dar um uso econômico.

Dentre os conflitos sociais no mundo sertanejo que mais estranheza e horror provocaram, assim como as reações mais violentas, encontram-se os movimentos messiânicos. A luta do sertanejo por suas convicções religiosas e sociais e políticas, eram incompreensíveis a olhos urbanos e “civilizados”, que a tratava como produto da ignorância e do fanatismo caboclo, ou então frutos da *anomia* que, nesse contexto rural onde predominava a miséria, a ignorância e a subserviência a latifundiários mandões, ensejava delírios coletivos. Ao lermos *Os Sertões* de Euclides da Cunha, percebemos o conflito na cabeça urbana e “civilizada” do autor entre o que lhe causava mais espanto – se o fanatismo dos sertanejos, os fiéis de Antônio Conselheiro, ou a violência da repressão imposta pelas forças republicanas.

O messianismo designa a crença na chegada de um enviado divino, que estabeleceria a ordem e a correção ao que estaria injusto e em desacordo com o moral e os preceitos religiosos. Com o advento do messianismo uma nova era de fraternidade e justiça, enfim da salvação esperada surgiria no seio da humanidade ou da comunidade que espera o messias. Segundo o sociólogo Max Weber a espera messiânica é a crença de que algum dia surgirá alguém (independente do tempo que isso leve), que tanto pode ser a figura de um herói ou mesmo Deus, que levará seus adeptos a terem a primazia sobre todas as outras pessoas, pois este seria o seu lugar no mundo.

Maria Isaura Pereira de Queiroz<sup>10</sup> em sua exposição sobre o messianismo no Brasil e no mundo, diz que o fenômeno se apresenta como uma das manifestações do *milénarismo*<sup>11</sup>, isto é, a espera pela chegada do messias, que operaria tais mudanças no mundo. Porém, somente a chegada do messias, ou sua simples passagem pelo mundo, não possibilita que a instauração do seu reinado seja levada a termo. Mais do que isso, os homens devem atuar obedecendo a seus mandamentos. De acordo com Maria Isaura Pereira de Queiroz, é a partir desse momento que a crença no messias se transforma num movimento messiânico de fato.

---

<sup>10</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Domus, 1965, *passim*.

<sup>11</sup> Embora o messianismo não seja uma crença exclusiva do cristianismo, é antiga a crença entre os adeptos desta no retorno de Cristo para efetivar o reino de Deus na Terra. Durante a Idade Média era crença corrente que o Reino Divino duraria mil anos, denominando-se por isso de *milênio*. Dessa forma, *milénarismo* é a crença no advento do milênio, ou seja, o Reinado de Deus.

A chegada do Reino de Deus é mediada pelo messias, que revela aos seus adeptos os procedimentos (o moral e os ritos religiosos) para sua consecução. Neste momento ocorre o que se observou na antiga Canudos, onde os fiéis organizam sua vida à parte da sociedade mais abrangente, rompendo as antigas relações de subserviência. Nessa forma de comunidade a chegada do Reino de Deus na terra é aguardada em estado de grande exaltação mística, ordenada pelos rituais e práticas religiosas do messias.

Não estamos querendo indicar que as possibilidades de exploração das oportunidades econômicas da região sejam aguardadas em estado de *grande exaltação mística*. Também não esperávamos encontrar formas de sociabilidade que caracterizavam a Canudos antiga. Por mais que a comunidade local apresente índices de desenvolvimento incompatíveis com uma sociedade dita moderna, a sociedade brasileira já atingiu um grau de complexidade tal, que os isolamentos se dão mais por descaso, do que por ação deliberada em busca de autonomia.

O que verificamos foi o imaginário local conectado a um ideário de desenvolvimento que só o dinheiro pode trazer, ou seja, a homogeneização das particularidades regionais operadas pelo capitalismo. O que mais observamos em diversos depoimentos foi um alheamento em relação a guerra e seu personagem principal, que quando mencionados são instrumentalizados como atrativos turísticos poderosos para incrementar o potencial turístico da região.

Para o proprietário do Hotel "Brasil", Carlos Alberto dos Santos, de alcunha "Carlinhos" ou "Bonecão", 38 anos, filho de Canudos e que viveu 16 anos em São Paulo, neto de pessoas que lutaram na guerra, ". . . **convém** conhecer a história de Canudos [o grifo é nosso]"<sup>12</sup> em função exclusivamente do trabalho que exerce como proprietário do hotel que recebe turistas de todas as partes do Brasil e até mesmo estrangeiros (estes em sua maioria com o objetivo de visitar um viveiro de araras azuis existente na cidade), e como proprietário de uma fazenda próxima ao Parque Estadual de Canudos, local em que compareceu com a finalidade apenas de vender água de coco. Para "Carlinhos" seu desconhecimento sobre a história da guerra, estendendo-a a um conjunto maior da população canudense, se deve à pouca instrução que teve, de acesso restrito na época em que estudava. Descarta desta forma a oralidade como forma de aquisição de conhecimento, preterida pelo conhecimento oficial oriundo do aparelho de Estado por meio da educação formal, em detrimento da tradição. O depoente é fruto de uma lógica utilitarista que visa exclusivamente instrumentalizar o conhecimento sobre a guerra para incrementar as atividades relacionadas ao turismo, inexistindo uma reflexão sobre a própria identidade sertaneja relacionada ao significado do conflito armado, construída por aqueles que nela pereceram. Fica claro aí que a memória desejada como utensílio prático não é aquela da tragédia, que o depoente admite: "não tenho interesse nenhum em conhecer . . ."<sup>13</sup>

Há ainda aqueles que não são filhos de Canudos, mas vieram de regiões próximas, atraídos pelas atividades econômicas que prosperaram no povoado

<sup>12</sup> Entrevista realizada no dia 13 de outubro de 2005, Canudos/ BA.

<sup>13</sup> Ibid.

direta ou indiretamente relacionadas ao açude do Cocorobó, como o cultivo de banana, coentro e a caprinocultura. A presença visível do DNOCS (Departamento Nacional de Obras de Combate à Seca) acabou também gerando uma dinâmica econômica própria, com um número relevante de funcionários públicos entre os próprios moradores, muitos dos quais abriram pequenos comércios e, em relação ao padrão de vida no sertão baiano, prosperaram. Esta prosperidade relativa assistida em Canudos não se reproduziu na região desassistida pelo açude e com uma presença não tão incisiva do DNOCS, tornando a cidade um pólo atrativo para uma tímida, mas visível migração.

É o caso de Sonia Maria Silva Alves, de 38 anos, filha do município de Jeremoabo, a 80 quilômetros de Canudos onde vive há 10 anos, que ganha a vida vendendo lanches e picolés na porta da escola da cidade para ajudar no sustento da casa, somando o orçamento do marido que é “guarda”, funcionário de uma ONG que preserva uma espécie de “Arara Azul” em extinção e que adotou o povoado como *habitat*. Têm duas filhas, uma formada no ensino médio e outra cursando o magistério. Nada sabe a respeito da guerra, apesar de já ter ouvido algo sobre Antonio Conselheiro, que por outro lado não soube reproduzir oralmente.



FIGURA 6 – Fotografia, Rodrigo Medina Zagni. Sonia Maria Silva Alves (à esquerda, segurando o carrinho), vendedora de lanches. Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.

Uma testemunha viva da tradição oral da guerra foi encontrada por nós na sombra de uma rede, defronte a sua casa financiada pelo DNOCS, praticamente no meio da via pública cujas mãos de direção notadamente não são estabelecidas, quanto muito obedecidas. Trata-se de Edmundo Cerqueira Campos de 83 anos, filho da vila de Caxé, no município de Jeremoabo, aposentado desde 1988. Seu pai viveu no tempo da guerra e pôde transmitir-lhe oralmente algumas experiências sobre o conflito.

Foi um dos que viu a matadeira, no Alto do Mário, que chamou de “peça”, e transmitiu oralmente ao seu filho o que podemos abstrair das palavras de Edmundo:

Meu pai contava que ele tava dividindo a carne... Pegava cada pedaço de carne, dava a um, dava a outro, aí ele viu a peça cá de cima ali ó, lá do Alto do Mário. Sabe onde é o Alto do Mário? Está descoberto, não está coberto d'água não. Aí fez “tum dum”... A peça atirou. Quando atirou veio um projétil e fez “pou”, bateu dentro e explodiu aqueles estilhaços, matou não sei quantas pessoas... Ficou não sei quantas pessoas baleadas com carga... Ficou carne, cabelo, roupa, tudo aquele mexido de coisas. Meu pai tava arredado cinco léguas daqui, dentro do mato, e os grilozinhos dentro do... Os grilozinhos dentro do caruá que nós temos na caatinga: “crim crim crim crim crim” a peça fazia: “pum”, os grilos se calavam, até os grilos se calavam. Tá me entendendo? Meu pai contava que um dia depois da guerra, um bocado de tempo, bem um mês e pouco, ele ia ajuntando a criação ao redor de onde ele tava e viu aquele homão todinho maltrapilho, velho, correu: “Não me mate!” Meu pai disse: “Não, eu não vou matar você! Por que eu... não eu não sou jagunço. E o que é que você...”; “Eu sou soldado desertor”, e tava corrido, ele tava escondido no mato comendo tudo o que era porcaria. Meu pai dizia: “Não! Vamos lá pra casa que você vai comer agora”. Aí trouxe esse... Repare a gratidão que foi feita com esse homem. Aí meu pai... Trouxeram esse moço todo maltrapilho, deram roupa a ele. Era soldado desertor. Ia perguntando: “E de onde o senhor é?” Ele disse que era de Aracajú. Disse: “o senhor pode ficar despreocupado. Quando o senhor estiver mais restabelecido eu vou te dar roupas e vou mandar deixar você perto de Aracajú, eu tenho gente aqui para lhe levar”. “Ta certo”. Aí se recuperou todo, deram roupa a ele e meu pai deu roupa, deu tudo, aí fizeram o seguinte: ele fez um bocado de xiquexique, que é uma fruta que nós temos aqui que come, preá sem sal, fez uma moda desse tamanho e mandou o homem, chamava... Como é que chamava? Febrônio! Disse: “Febrônio você vai levar esse moço de Jeremoabo aí pra baixo”. Disse: “ta feito”. Aí mandou, fez a modinha dele de xiquexique e mandou levar, aí uns dois dias chegou, disse: “deixei lá de Jeremoabo pra baixo”, o Febrônio. Foi, foi, ficou. Passado muito tempo teve uma festa, o Febrônio tomou uma cachaça e que foi que disse, que matou... Descobriu que tinha matado o desertor que meu pai mandava. Digo: “matei” pra tomar umas jóias que eles tinham. “Mas rapaz, como é que você faz isso?” Mas aí, “ô xenti”, mandou chamar todo mundo: “venha cá, olhe, não... menino não minta! Você fale a verdade! Você matou o miserável inocente por quê?” Disse: “matei pra ficar com essas jóias aqui que eu...” “Pois você não vai ficar aqui mais sob o meu comando não. Você vai tomar uma surra de vara de quebra-facão”. Vocês conhecem quebra-facão? Não? Aí mandou tirar umas seis varas de quebra-facão, mandou os outros: “Meta lavada nesse rapaz, deixe ele aí saindo sangue pela boca”. Aí meteram a vara e disse: “desapareça daqui que eu não quero

lhe ver mais nunca aqui". Desapareceu não sei aonde correu. E quer perguntar alguma coisa pode perguntar que eu estou pronto!<sup>14</sup>

As memórias coletadas como a de Edmundo, que trazem ainda raras informações sobre o conflito entre tropas federais e conselheiristas, são matizadas pela violência e pela barbárie encerrada nas guerras.



FIGURA 7 – Fotografia, Rodrigo Medina Zagni. *Seu Edmundo Cerqueira Campos com a neta*. Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.



FIGURA 8 – Fotografia, Edmar Ricardo Franco. *Seu Edmundo segurando fotografia tirada com a esposa nas ruínas da Igreja na cidade velha*. Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.

<sup>14</sup> Entrevista realizada no dia 13 de outubro de 2005, Canudos/ BA.

A observação atenta dos depoimentos coletados durante a experiência de campo em Canudos, reforça a hipótese de um movimento ideológico inoculado pela classe dominante a fim de comprometer a história de luta e resistência de todo um povo, cuja “ignorância”, em contrapartida, fora providencial para esclarecimento de nossos preceitos, um elemento de ruptura nos pressupostos que trazíamos no bojo, decorrência de estudos teóricos divergentes de boa parte da realidade empírica conquistada por nosso grupo de estudantes. Essa desvalorização da transmissão oral do conhecimento, impondo-lhe a pecha de “ignorância”, favorece a imposição de uma visão oficial da história, desmerecendo a forma de transmissão dos acontecimentos da guerra na comunidade e favorecendo ainda mais o apagamento da memória constatado por nosso grupo. Isso permite que o ensino do tema da guerra nas escolas seja direcionado de acordo com uma visão dominada pelo grupo que detêm a memória. É a “leitura dos vencedores” como chama o padre Tiago Milan, 65 anos, adepto da teologia da libertação, a quem se deve a iniciativa das romarias de Canudos e de inúmeros projetos sociais, que nos disse em entrevista:

Comecei a escutar a tradição oral que tinha sobre Canudos, era uma tradição muito relativa e o pessoal daqui era um pouco escravo da leitura que os vencedores tinham feito da Guerra de Canudos... não é ... e aquelas poucas linhas que apareciam nos livros de história apresentando os conselheiristas como pessoas perigosas, violentas, pessoas assim... com poucos princípios humanos, aquilo tinha sido introjetado pela população de Canudos.<sup>15</sup>

E para desconstruir essa história dos vencedores, afirma o sacerdote, a função das romarias é a de:

Resgatar a história autêntica dos vencidos e projetar aquela luta para o futuro, para que fosse como um ponto de apoio para que este pessoal que mora aqui, nesta área abandonada, tivessem (*sic*) um referencial forte, um referencial que ajudasse a identificar-se como sertanejo, a não sentir-se pessoas excluídas.<sup>16</sup>

Para compreendermos melhor a atuação de Pe. Tiago, temos que esboçar em poucas linhas o que é essa teologia da libertação. Uma Teologia que nasceu na América Latina em meados dos anos 60, sendo que

. . . não nasceu voluntaristicamente. Constitui-se como um momento de um processo maior e de tomada de consciência característica dos povos latino-americanos. A pobreza generalizada, a marginalidade e o contexto histórico de dominação irrompeu agudamente na consciência coletiva e produziu uma virada histórica<sup>17</sup>.

Essa virada histórica foi o surgimento dessa teologia que prega a libertação dos povos oprimidos, da humanidade e junto com ela, “a partir do ocular da

---

<sup>15</sup> Ibid.

<sup>16</sup> Ibid.

<sup>17</sup> BOFF, Leonardo. *Teologia do cativo e da libertação*. São Paulo: Circulo do livro, S/d.

libertação, todos conteúdos, seja da religião, da política ou quaisquer outros, ganham uma nova dimensão”<sup>18</sup>. Neste período surgiram na política, na economia, na pedagogia, na sociologia, vários pensadores que articulavam esse ocular da libertação.



FIGURA 9 – Fotografia, Edmar Ricardo Franco. *Padre Tiago Milan (à esquerda)*. Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.

É que, segundo o teólogo Leonardo Boff,

. . . a palavra libertação se tornou significativa não somente para a práxis política e para a reflexão teológica. Ela veicula a emergência de uma nova consciência histórica, como maneira de compreender e de se situar face a totalidade da história<sup>19</sup>

e continua o teólogo,

. . . a linguagem da libertação, por mais diversas que se apresentem suas ramificações, articula uma nova óptica pela qual se interpreta a história humana no seu presente e no seu passado<sup>20</sup>.

Juntamente com essa busca de uma nova consciência histórica, acrescenta-se o método utilizado pela teologia da libertação que incorpora categorias marxistas em sua execução. O método é a “análise da realidade – reflexão teológica – pistas da ação pastoral”<sup>21</sup>, ou seja,

. . . não se parte já de quadros teóricos elaborados abstratamente e sistematizados totalizadamente, mas de uma leitura cientificamente mediatizada da realidade, dentro da qual se processa a práxis da fé. A partir desta, depois de captar as urgências, os anseios e as interpelações à consciência cristã, opera-se a reflexão

<sup>18</sup> Ibid.

<sup>19</sup> Ibid.

<sup>20</sup> Ibid.

<sup>21</sup> Ibid.

teológica. E esta por sua vez, não se substantiva e se fecha no gozo de sua iluminação, mas antes se abre como práxis de fé libertadora<sup>22</sup>.

A partir desses elementos é que podemos compreender a atividade pastoral do sacerdote na região de Canudos. Padre Tiago identifica os problemas do sertanejo que vive no semi-árido, realiza a sua reflexão teológica, a partir da qual incorpora a figura de Antônio Conselheiro como mártir e símbolo de luta, e que contribui para a emergência de uma nova consciência histórica, partindo assim, para a ação pastoral por meio das romarias, comunidades de base, o IPMC (Instituto Popular Memorial de Canudos), o fundo de pasto<sup>23</sup>, a criação de sindicatos, de associações de cooperativas, etc.

Ao ser perguntado sobre o papel da igreja, Pe. Tiago revela a sua teologia, ao responder que:

Há muitos projetos de Igreja. Vocês devem perceber que há modelos de pastoral que são mais de cima para baixo, espiritualistas, mais dualistas, separam a dimensão religiosa da dimensão humana. Nós aqui queremos unir todas as dimensões do ser humano e a Igreja trabalha a dimensão religiosa, a dimensão humana, a dimensão política, a dimensão econômica ( . . . ) nós cuidamos de atingir o ser humano desde todas as dimensões do ser humano e por isso trabalhamos na área econômica, na área política, na área da produção, na área cultural, na área humana, tentamos atingir o ser humano por todos os lados<sup>24</sup>.

Trata-se da teologia da libertação sendo aplicada em Canudos. Resta apenas compreender o porquê da incorporação da figura de Antônio Conselheiro e seu milenarismo, uma figura muito polêmica e controversa, como mártir dessa Igreja, ou seja, a sua incorporação teológica. Ao ser indagado sobre o assunto, Pe. Tiago responde desta maneira:

Na minha teologia o mais importante é trabalhar pelo reino de Deus na Terra, reino de Deus, quer dizer, uma sociedade onde a fraternidade, a solidariedade, a justiça, a liberdade, sejam valores importantes... Qualquer fato histórico, qualquer pessoa, qualquer ação nesse sentido, para mim está dentro do reino de Deus... É levar vida, de alguma forma para as pessoas, uma vida digna, uma vida plena, então, eu não tenho dificuldade em citar e integrar no meu esquema teológico, este fato de que Antônio Conselheiro, que numa época concreta, numa situação concreta, ele ofereceu esperança, ofereceu vida, trabalho, produção a um grupo de deserdados... Isso se encaixa perfeitamente na caminhada do reino de Deus... Nós agora continuamos com outras práticas, outras estratégias, mas que pensamos que (*sic*) na mesma direção<sup>25</sup>.

---

<sup>22</sup> Ibid

<sup>23</sup> Instituto Popular Memorial de Canudos. "Canudos – Fundo de Pasto no Semi-Árido". Editora Fonte Viva. BA – 1997.

<sup>24</sup> Entrevista realizada no dia 13 de outubro de 2005, Canudos/ BA

<sup>25</sup> Ibid

A teologia da libertação, “mais que cantar a flor, olha para o jardineiro que passa fome e para o florista que é explorado”<sup>26</sup>, e Pe Tiago vem sendo exemplo de luta e persistência por um outro projeto de vida para o sertanejo do semi-árido. Ele olha reflexivamente para o passado constituído pela guerra de Canudos, trabalhando a partir daí por um futuro de libertação. De acordo com o mesmo padre “. . . a função da Igreja é tornar o homem agente de sua própria história”<sup>27</sup>.

Com esta frase percebe-se não mais Deus sendo agente da vida do homem, tendo este um caráter passivo. Dentro desse preceito pode o Homem controlar sua própria vida não estando suscetível a fatalismos; pode ele ser e agir sobre sua realidade, modificá-la conforme suas necessidades e aspirações. A afirmação acima comprova a praticidade buscada por Pe. Tiago e mostra a vontade de movimentar o povo de Canudos para que ele possa saber do seu passado, segundo a visão construída pela Igreja, e adquirir desta forma consciência da violência praticada pelas tropas federais, a fim de guiar-se, reivindicando direitos e buscando melhores condições de vida em face aos seus problemas recentes, tendo como referência este passado de luta. Trata-se de uma nova funcionalidade para o passado: alterar a condição presente e projetar um futuro melhor, na visão teológico-libertária.

Devido a esta idéia, a imagem do Conselheiro passada pela Igreja é também a de um lutador, um homem que aspirava trazer o bem para a população, ou seja, sua imagem é positiva como resgatadora da dignidade do sertanejo, identificando as injustiças praticadas contra sua população e propondo ações efetivas contra elas.

Em contrapartida, ainda tendo como base a entrevista feita com o padre, há uma opinião contrária sobre a questão da memória do conflito e do próprio Conselheiro segundo a Igreja Protestante da cidade, pois já que esta religião não “adora” imagens, vêem sua figura como ruim: não valorizam-no por temer que sua imagem seja associada à divindade. Esta relação, inclusive, poderia acarretar um movimento de adoração tal qual aconteceu com Pe. Cícero em Juazeiro.

O impacto causado na população com as opiniões das Igrejas parece ser acentuadamente forte. Trata-se de uma população extremamente religiosa, sendo interessante observar nas entrevistas as divergentes opiniões sobre Antonio Conselheiro, tanto o elogiando quanto o depreciando. Há pessoas que afirmam que os culpados pela desgraça de Canudos foram as forças repressoras do governo, e que se não fossem suas ofensivas hoje Canudos seria a maior cidade da Bahia (conforme dito anteriormente, na época era a segunda maior, com cerca de 25.000 habitantes, só ficando atrás da capital Salvador). Em contrapartida, há pessoas que creditam a desgraça e o massacre de Canudos a Antonio Conselheiro, pois teria sido ele o culpado primeiro pela morte de 25 mil homens, fazendo-os lutar por algo que eles mal sabiam o que eram; por conseguinte, culpado também pelos 5 mil soldados federais que pereceram no combate ou em razão dele.

---

<sup>26</sup> BOFF, Leonardo. Op. cit.

<sup>27</sup> Entrevista realizada no dia 13 de outubro de 2005, Canudos/ BA

## Conclusões:

Aos 22 de maio de 1830 o vigário Domingos Álvaro Vieira batizava, na Matriz de Quixeramobim, o párvulo Antônio Vicente Mendes Maciel; sem saber derramava as bênçãos cristãs sobre aquele que se tornaria um dos principais personagens do sertão nordestino: *Antônio Conselheiro*, líder de Canudos, reduto da rebeldia contra as mazelas sociais que afligiam os filhos do sertão.<sup>28</sup>

Um conflito subjogado desde o início pela interpretação de uma historiografia, por vezes subserviente aos interesses da burguesia dominante, em outras por intelectuais e historiadores equivocados no pressuposto da miséria como viés único de expressão do sertão *ardentíssimo*<sup>29</sup>, o que lhes garantiu sua projeção pessoal nos ensimesmados meios acadêmicos.

Nestas últimas linhas, pretendemos esboçar um quadro das principais interpretações ouvidas ou percebidas durante a estadia em Canudos.

Hoje se observa, conforme sugere a hipótese que orienta o trabalho, um movimento de retomada da memória de Canudos pela população impulsionada e direcionada pela ação de atores locais, como a Igreja e a Universidade. Dentre a população do povoado, o silêncio, o utilitarismo ancorado no potencial turístico e a visão do episódio como um erro estratégico são os discursos recorrentes.

A **Universidade**, partindo de um viés investigativo, onde todo o movimento acontecido na antiga Canudos aparece como campo fértil para pesquisas, vê o episódio como um grande exemplo de resistência de grande valor historiográfico. A instalação do Parque Estadual de Canudos e a reorganização do museu da cidade são exemplos de ações impulsionadas pela Universidade em parceria com o poder público, que por sua vez, deve ver com bons olhos o estímulo ao potencial de turismo histórico da região. A obrigatoriedade recente do curso sobre História Regional, tratando da história do povoado e da guerra de Canudos como das características do modo de vida do sertanejo em geral, na grade da escola da comunidade pode reforçar esta idéia, ao permitir que todo canudense que freqüentou a escola seja um guia turístico em potencial numa cidade de tamanho potencial para o turismo histórico ainda não desenvolvido. Um dos eventos de maior vulto ocorridos no município se deu em 1991, onde por volta de 150 pesquisadores debateram acerca da história canudense.

---

<sup>28</sup> Cf. Livro de Assentamentos de Batizados da Paróquia de Quixeramobim, Livro 11, fls. 221. Faz-se aqui alusão ao documento encontrado pelo pesquisador cearense Ismael Pordeus e publicado em "O Nordeste", de 6/7/1949/ Fortaleza. Apud. Calazans, 1997, p. 25.

<sup>29</sup> Expressão utilizada por Euclides da Cunha, enviado pelo jornal *O Estado de São Paulo*, para registrar as movimentações em vigência na Bahia, a cerca da revolta em Canudos, no ano de 1867, o engenheiro militar *Euclides da Cunha*, que se tornará um grande nome da literatura nacional ao publicar *Os sertões*, integrou a 4º expedição contra Canudos, tendo como missão ser o correspondente do jornal além de viajar como adido à comitiva do ministro da Guerra. CUNHA, Euclides da. *Diário de uma expedição*; Organização: Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Cia das Letras, 2000.



FIGURA 10 – Fotografia, Edmar Ricardo Franco.  
*Pórtico do Parque Estadual de Canudos.* Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.



FIGURA 11 – Fotografia, Edmar Ricardo Franco.  
*Entrada do Parque.* Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.



FIGURA 12 – Fotografia, Rodrigo Medina Zagni.  
*Morador do Parque Estadual de Canudos caminha sobre o Vale dos Mortos.* Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.

A perspectiva de atuação da **Igreja Católica** é bem diversa; a idéia é a de trabalhar pelo reino de Deus na Terra, entendendo este reino como o mundo da solidariedade, da fraternidade da vida digna e plena, onde o ser humano pode desenvolver todas as suas dimensões. Dentro dessa perspectiva, a teologia da libertação, a retomada da comunidade de Canudos aparece como exemplo a ser seguido, partindo da orientação de valorizar a cultura popular em meio a um projeto de resistência a um modelo de capitalismo excludente. Assim, a figura de **Antônio Conselheiro** aparece como a de uma liderança que ofereceu esperança e vida à comunidade de Canudos, participando da caminhada rumo a construção do reino de Deus na Terra. A iniciativa da romaria foi um movimento organizado na parceria igreja e lideranças locais, trazendo todo o ano diferentes temas para discussão, que envolvem aspectos relativos a história de Canudos, dificuldades atuais do sertanejo e possibilidades para superação desta, inclusive a partir de exemplos colhidos na história da comunidade. A Igreja Católica de fato realiza um trabalho com intuito de despertar a consciência crítica do povo canudense partindo de sua realidade e por meio das suas possibilidades, além de ocupar e acompanhar espaços e iniciativas econômicas ou culturais que podem vir a ser alternativas a algumas dificuldades encontradas pelos sertanejos.

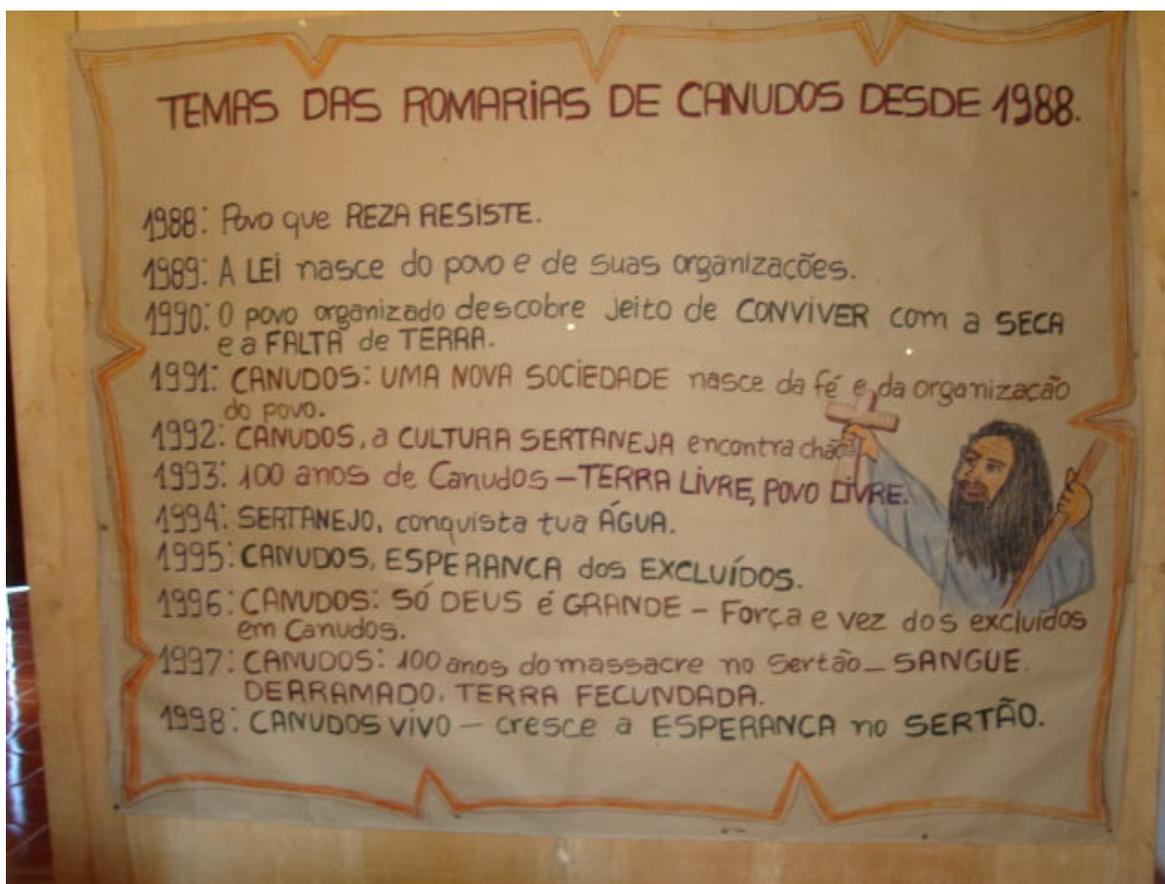


FIGURA 13 – Fotografia, Rodrigo Medina Zagni. *Temas das romarias de Canudos*. Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.



FIGURA 14 – Fotografia, Rodrigo Medina Zagni. *Romarias de Canudos*. Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.

Já a **Igreja Evangélica** vê a histórica com outros olhos, contribuindo de maneira decisiva inclusive para o afastamento da população de sua história. Os fiéis evangélicos tendem simplesmente a reproduzir o discurso religioso que se pauta por uma atitude de subserviência incontestável aos dogmas evangélicos. Esta igreja que não aceita santos e se prende na figura única de Jesus, vê **Antônio Conselheiro** como um idólatra, como alguém que quis ser Deus na Terra. Pecado capital, inadmissível segundo os evangélicos.

Hoje, Canudos é uma comunidade se refazendo, uma Igreja Católica consciente de seus enganos num território que resiste e luta por igualdade e pela reforma agrária, conforme o trabalho denominado “Fundo de Pasto” mencionado em entrevista pelo Pe. Tiago. Sua memória não pode ficar submersa sob os interesses dominantes e os panegíricos burgueses de nossa sociedade. Seu nome deve ser dito a exaustão, como o de muitos outros movimentos históricos de luta social, uma memória a ser resgatada sob o prisma de uma pesquisa com os pés e as mãos mergulhadas na realidade. Sua história deve ser ensinada nas escolas, valorizando a luta do povo nordestino pela sobrevivência e pela dignidade, questionando sempre a visão dos vencedores, mostrando às novas gerações as contradições presentes na história do nosso país. Fomos à “nova” Canudos, vimos

e escrevemos não só sobre uma história de luta, mas de uma experiência de conflito, de resistência social e ideológica, uma tradição e memória sustentada a duras penas, como revela o depoimento da estudante universitária Tamara de 21 anos sobre a nova Canudos:

Todo mundo tem curiosidade de saber um pouco sobre nossa história. né... Lá na nossa faculdade não é diferente, todo mundo... alguns imaginam Canudos atual como um monte de casinhas de taipa, ainda, uma cidade no meio do sertão que todo mundo morre de sede e de fome... né... Que a nossa realidade não é isso, então, uma cidade que está em desenvolvimento ainda, mas que tem tudo pra crescer bastante e que a história é um dos seus benefícios.<sup>30</sup>



FIGURA 15 – Fotografia, Rodrigo Medina Zagni. *Estudantes universitárias residentes em Canudos*. Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.

Soa até ingênua a discussão sobre “se” a construção do açude teve como propósito ajudar a apagar a história do Arraial, e em caso positivo, para o qual apontam todas as hipóteses por nós formuladas a esse respeito, foi eficaz ao extremo. Todavia, afirmar isto “cientificamente” torna-se complicado já que até agora pouco se aprofundou sobre essa hipótese, e demandaria um estudo específico a este respeito, o que não nos propusemos a fazer, senão tangencialmente, nessas insuficientes linhas. Desse modo, a questão, ao menos por enquanto, fica respondida pelo silêncio daquelas gélidas águas, plácidas sobre 30 mil mortos.

<sup>30</sup> Entrevista realizada no dia 13 de outubro de 2005, Canudos/ BA.



FIGURA 16 – Fotografia, Rodrigo Medina Zagni. *Espelho d'água do Cocorobó*. Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.



FIGURA 17 – Fotografia, Rodrigo Medina Zagni. *Brincadeira no local do massacre*. Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.



FIGURA 18 – Fotografia, Edmar Ricardo Franco. Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.

Foi no espírito da terceira Canudos que nosso grupo pôde ir captando alguns detalhes do processo de “esquecimento” do conflito. Não será inútil exemplificar.

Na cidade há dois “memoriais”. O primeiro pertence à UNEB (Universidade Estadual da Bahia) e o segundo à Igreja. O Memorial Antonio Conselheiro, da UNEB, conta com um acervo pífio, falta de funcionários e uma estrutura rudimentar para resgate da memória. O outro memorial está situado no local conhecido pelos moradores como “igreja velha”: o IPMC (Instituto Popular Memorial de Canudos). Uma espécie de concorrente do primeiro, tende a lembrar bem mais o aspecto libertador-religioso de Conselheiro. Mas a estrutura rudimentar de recuperação e preservação da memória também aparece por lá: livretos, cd’s, postais, camisetas, estatuetas, tudo fica em armários abertos, sem qualquer “vigilância”. Observamos inclusive que algumas fotos da terra natal do Conselheiro, Quixeramobim, haviam sido arrancadas do painel.



FIGURA 19 – Fotografia, Edmar Ricardo Franco. Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.



FIGURA 20 – Fotografia, Edmar Ricardo Franco. Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.



FIGURA 21 – Fotografia, Rodrigo Medina Zagni. *Crânio de conselheirista exposto no Memorial Antonio Conselheiro.* Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.



FIGURA 22 – Fotografia, Edmar Ricardo Franco. Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.



FIGURA 23 – Fotografia, Edmar Ricardo Franco. Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.

Afinal, não podemos nos prender apenas aos nossos hábitos de historiador/pesquisador. Não podemos ignorar que falamos do sertão baiano, e que embora o povoado de Canudos não tenha graves problemas com a seca a exemplo de povoados vizinhos, a área possui índices sócio-econômicos baixíssimos<sup>31</sup>, e cenas como mulheres e crianças cobrindo buracos na estrada e estendendo a mão à espera de uma recompensa ainda são comuns. Essa dificuldade econômica se reproduz nas condições de preservação da memória.

Outro aspecto que parece colaborar com o problema é a falta de uma estratégia educacional sobre a história de Canudos. Pelos depoimentos, o que aparenta ter acontecido na região foi uma imposição do tema aos estudantes, o que pode ter provocado rejeição.

A memória é reinventada, como a chamada (às vezes de modo pejorativo) de popular. O MST, por exemplo, reivindica para si a figura do Conselheiro como um de seus inspiradores, batizando assentamentos e acampamentos com seu nome exatamente pela sua idéia de que "ninguém é dono da terra", e renovando o combustível de sua atuação, ou seja, sua *mísitca*.

Pensamos desta forma ter mapeado, o mínimo possível, uma situação de disputa por um legado que de fato repousa no silêncio das límpidas águas do Cocorobó. A verdade está encerrada no leito do açude, onde estão deitados 30 mil corpos, onde repousa a memória de 30 mil almas, memória já perdida. O que está sob disputa não é ela: é a que foi construída a partir de interesses particularistas (esperamos ter demonstrado isso), mesma categoria de ambição capaz de atirar homens contra os seus iguais, de um lado a outro do *front*, no interesse daqueles que na hora em que rasga a metralha e estrondeia o canhão estão seguramente distantes dali.

---

<sup>31</sup> Uma boa fonte é o site da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia-  
[www.sei.ba.gov.br](http://www.sei.ba.gov.br)



FIGURA 24 – Fotografia, Rodrigo Medina Zagni. *O céu acima do Cocorobó*. Acervo do fotógrafo, Canudos/ BA, 2005.

### **Bibliografia:**

#### Principal:

ARINOS, Afonso - "Campanha de Canudos: o epílogo da guerra". In: - Notas do dia: comemorando. São Paulo: Type. Andrade, Mello & Comp., 1900.

BOFF, Leonardo. *Teologia do cativo e da libertação*. São Paulo: Circulo do livro. s/d.

CUNHA, Euclides da. *Diário de uma expedição*; Organização: Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais, 4ª expedição*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

GEREMOABO, Barão de. Antonio Conselheiro. *Jornal de Notícias*, Bahia, 4 e 5 março 1897.

Instituto Popular Memorial de Canudos. "Canudos – Fundo de Pasto no Semi-Árido". Bahia: Editora Fonte Viva, 1997.

Instituto Popular Memorial de Canudos. "Canudos – Uma história de luta e resistência". *Centenário do Massacre*. Editora Fonte Viva. 3º. Edição. Bahia, 1993

MONTE MARCIANO, João Evangelista de (Frei). *Relatório apresentado pelo Rvd.... ao Arcebispado da Bahia sobre Antonio Conselheiro e seu séquito no Arraial de Canudos*. Bahia: Typographia do "Correio de Notícias", 1985.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Domus, 1965.

Secundária:

BURKE, Peter (org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

IOKOI, Zilda Márcia Gricoli. *História local do processo de alfabetização de crianças, jovens e adultos do município de Diadema*. São Paulo: Humanitas FFLCHUSP – FAPESP, 2001.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.